

## Perfis e Percepções de Musicoterapeutas no Tratamento de Idosos com Alzheimer

Helloisa Bezerra Medeiros (Bolsista CNPq - IFPB, Campus João Pessoa), Mariaelena Bernardo Araújo (IFPB, Campus João Pessoa), Ruthe Ferreira Farias (IFPB, Campus João Pessoa), Marcelo de Almeida Buriti (IFPB, Campus João Pessoa)

E-mails: [helloisa\\_medeiros@academico.ifpb.edu.br](mailto:helloisa_medeiros@academico.ifpb.edu.br), [mariaelena.bernardo@academico.ifpb.edu.br](mailto:mariaelena.bernardo@academico.ifpb.edu.br),  
[farias\\_ruthe@academico.ifpb.edu.br](mailto:farias_ruthe@academico.ifpb.edu.br), [marcelo\\_buriti@ifpb.edu.br](mailto:marcelo_buriti@ifpb.edu.br)

Área de conhecimento (Tabela CNPq): 4.06.02.00-1 Saúde Pública.

Palavras-chave: musicoterapia; música; envelhecimento; demência; qualidade de vida.

### 1. Introdução

A Demência é um transtorno neurodegenerativo que acarreta o comprometimento neurocognitivo, ocasionando uma série de sintomas psicológicos e comportamentais, sendo a Doença de Alzheimer (DA) a forma mais comum de demência no mundo. Segundo Nithianandam (2023), embora múltiplos fatores de risco estejam associados à DA, a idade é o principal, uma vez que contribui para a perda de mecanismos que regulam a síntese, dobramento e degradação das proteínas.

Diante das limitações terapêuticas, a musicoterapia tem se destacado como intervenção complementar. Alves Junior, Borges e Blanch (2022) reforçam esse potencial ao demonstrar os benefícios da musicoterapia para a redução de manifestações adversas associadas à doença, devido à estimulação de áreas cerebrais ligadas à emoção e à cognição. Assim, investigar o perfil e as práticas dos musicoterapeutas em idosos com Alzheimer torna-se essencial para compreender os impactos dessa prática na qualidade de vida dos idosos com a doença.

Objetivou-se analisar as práticas e percepções dos musicoterapeutas sobre a eficácia da musicoterapia no tratamento de idosos com a Doença de Alzheimer, buscando verificar as características dos idosos com DA, identificar as técnicas utilizadas pelos musicoterapeutas, avaliar o uso da musicoterapia nas intervenções em idosos com DA e analisar o impacto dessa prática no bem-estar dos pacientes.

### 2. Materiais e métodos

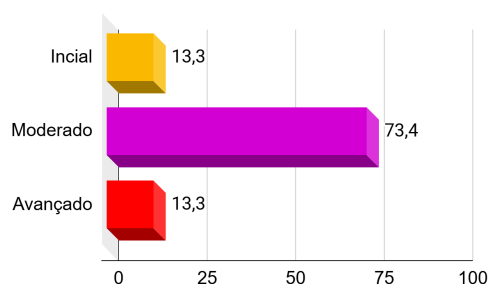
Participaram da pesquisa 15 musicoterapeutas, sendo 73,3% do gênero feminino e 26,7% masculino, com idade média de 45 anos. Em relação ao tempo de atuação na área, os participantes possuem, em média, seis anos de experiência em musicoterapia. Já quanto ao local de trabalho, 80% dos musicoterapeutas atuam predominantemente em atendimentos domiciliares, clínicas particulares e Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs). Os 20% restantes trabalham em outras instituições, como hospitais e centros de reabilitação.

O projeto foi aprovado no CEP, CAAE nº 86715325.0.0000.5185, e os dados foram coletados por meio de um questionário estruturado, denominado Instrumento de Avaliação da Musicoterapia e Ocorrências Terapêuticas em Idosos com Alzheimer (IAMOTIA), aplicado de maneira *online* para possibilitar o alcance e participação de profissionais de diferentes localidades, sem a necessidade de deslocamento físico. Durante a aplicação do questionário, foram fornecidas explicações sobre os objetivos da pesquisa, mantendo a confidencialidade e o anonimato dos participantes. A análise dos dados foi feita com base em estatísticas descritivas e inferenciais.

### 3. Resultados e discussão

Os resultados estão organizados nos principais eixos temáticos, sendo eles: estágio da doença nos pacientes atendidos, técnicas de musicoterapia mais utilizadas, efeitos da intervenção terapêutica nos idosos e a avaliação dos profissionais quanto à prática no tratamento em contexto da demência.

Figura 1- Estágio da doença dos pacientes (%)



Fonte: Elaboração Própria (2025)

A Figura 1 revela que a maioria dos pacientes com Alzheimer em tratamento musicoterapêutico se encontra no estágio moderado da doença, com 73,4%. Isso pode indicar que é nesse estágio que os familiares e/ou cuidadores sentem uma maior necessidade de intervenção terapêutica, na tentativa de amenizar os sintomas. Em contraste, percebe-se uma menor proporção de pacientes nos estágios leve e moderado, ambos com 13,3%. Esse dado sugere que a baixa representatividade no estágio leve pode estar relacionada a um diagnóstico ainda incipiente ou à subvalorização de terapias não farmacológicas nessa fase inicial, quando os sintomas ainda são sutis. Já no estágio avançado, a redução na procura pode estar associada a limitações cognitivas e físicas mais severas, que dificultam a adesão e o aproveitamento das sessões musicoterapêuticas, como no estudo de Chen *et al.* (2020) que, para realizar a intervenção, necessitou retirar um participante por ser incapacitado de realizar atividades simples, devido a uma doença física aguda causada pela demência em estágio grave.

Para o melhor entendimento da contribuição da musicoterapia entre os pacientes, analisou-se as técnicas empregadas pelos musicoterapeutas em suas sessões, conforme apresentado na Tabela 1.

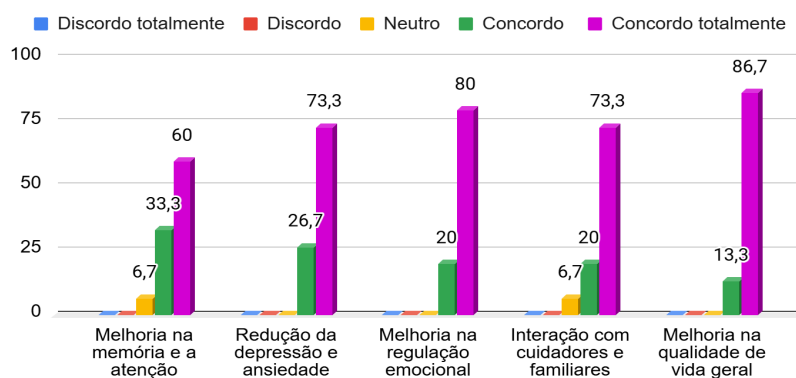
Tabela 1 – Técnicas Utilizadas pelos Musicoterapeutas

Técnica	F	(%)
<b>Canto</b>	13	22,41
<b>Uso de instrumentos musicais</b>	11	18,96
Escuta musical passiva	9	15,52
<b>Movimentos corporais acompanhados de música</b>	12	20,69
Improvisação Musical	9	15,52
<b>Outros</b>	4	6,9
<b>Total</b>	58	100

Fonte: Elaboração Própria (2025)

Observa-se que a técnica mais utilizada pelos profissionais foi o Canto, com 22,41%, e em seguida, os Movimentos Corporais Acompanhados de Música, com 20,69% e o Uso de Instrumentos Musicais, com 18,69%. A predominância dessas abordagens podem estar relacionadas à sua acessibilidade e à sua diversidade de estímulos proporcionados, como a estimulação cognitiva, emocional, motora e social. Essas técnicas favorecem tanto a expressão individual quanto a interação coletiva, o que potencializa a inclusão social e o engajamento terapêutico, como apontam Chen *et al.* (2020) e Dowson e Schneider (2021). As técnicas como Escuta Musical Passiva e Improvisação Musical foram menos utilizadas, ambas com 15,52%. Embora também eficazes, essas abordagens podem demandar um nível maior de atenção, sensibilidade musical ou estrutura para aplicação. No entanto, recorrendo à análise estatística do Qui-quadrado,  $\chi^2_0 = 1,18$  ( $\chi^2_c = 9,48$ ;  $p = 0,05$  e  $n.g.l. = 4$ ), foi demonstrado que não existe diferença estatisticamente significativa quanto às técnicas utilizadas pelos musicoterapeutas. Já a categoria Outros, com 6,9%, inclui práticas como jogos de memória com instrumento acompanhado de melodia e conversa sobre temas atuais e datas comemorativas, revelando a flexibilidade do uso da música como ferramenta terapêutica.

Figura 2 - Contribuição da musicoterapia para o bem-estar dos idosos (%)



Fonte: Elaboração Própria (2025)

Após a análise das técnicas empregadas, verificou-se as contribuições do tratamento musicoterapêutico no bem-estar dos pacientes que, conforme demonstrado na Figura 2, acarreta em melhorias dos sintomas comportamentais e psicológicos do Alzheimer. Esses mesmos resultados também foram encontrados nos estudos realizados por Alves Junior, Borges e Blanch (2022), Matziorinis e Koelsh (2022) e Loewy *et al.* (2020), onde identificaram que as intervenções musicais contribuíram para a redução de manifestações adversas associadas à doença, tais como dores, estresse, depressão, agressividade e ansiedade. Além disso, evidenciaram-se benefícios no resgate e ressignificação de memórias, bem como no aprimoramento da capacidade de expressão e comunicação entre os pacientes e seus cuidadores e/ou familiares. Isso demonstra as diversas contribuições que a musicoterapia proporciona na qualidade de vida geral dos pacientes acometidos pela doença. Quanto ao Qui-quadrado,  $\chi^2_0 = 0,71$  ( $\chi^2_c$

= 9,48; p. = 0,05 e n.g.l. = 4) que demonstra que não existe diferença estatisticamente significativa quanto às contribuições demonstradas pela musicoterapia nos pacientes.

Notado os benefícios da musicoterapia no tratamento de idosos com Alzheimer, buscou-se analisar a avaliação dos profissionais quanto ao uso dessa prática, conforme destacado a seguir.

Tabela 2 – Avaliação do Uso da Musicoterapia no Tratamento da Demência

Avaliação	F	(%)
Pouco utilizada	3	20
Moderadamente utilizada	4	26,7
Bem utilizada	5	33,3
Muito utilizada	3	20
Total	15	100

Fonte: Elaboração Própria (2025)

Conforme apresentado na Tabela 2, observa-se que a maioria dos profissionais entrevistados avalia a musicoterapia uma prática bem utilizada, com 33,3% ou moderadamente utilizada, com 26,7%, no cuidado de idosos com demência. Ainda que uma parcela significativa a classifica como pouco utilizada, sendo de 20% ou muito utilizada, com 20%, a ausência de respostas que tenham classificado essa prática como sendo pouquíssimo utilizada que indica um reconhecimento mínimo, mas consolidado, sobre sua relevância clínica. Essa distribuição sugere uma percepção geral positiva sobre a musicoterapia, embora que evidencie certa variabilidade quanto a inserção nos cuidados com idosos com demência. Tal variação pode estar relacionada a fatores como o grau de conhecimento sobre a prática por parte das equipes multidisciplinares, a disponibilidade de profissionais especializados, ou ainda à falta de investimento nas estruturas dos serviços de saúde nos quais os atendimentos ocorrem, conforme destacado por Ribeiro *et al.* (2023).

### Considerações finais

Os resultados possibilitaram mapear as características clínicas dos pacientes, as técnicas terapêuticas mais empregadas e a inserção da prática com os idosos. Constatou-se que a maior parte da atuação concentra-se no atendimento a idosos em estágio moderado da DA, fase em que as manifestações cognitivas e comportamentais são mais evidentes, demandando intervenções específicas. Além disso, verificou-se diferentes abordagens utilizadas pelos musicoterapeutas, personalizadas para a necessidade de cada paciente. Os musicoterapeutas reconheceram a eficácia da musicoterapia, bem como apontaram melhorias significativas no bem-estar emocional, na comunicação e na qualidade de vida dos pacientes. Esses achados reforçam a importância da musicoterapia como recurso terapêutico complementar no manejo da DA.

### Agradecimentos

Estende-se os agradecimentos à agência de fomento desta pesquisa, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB).

### Referências

- ALVES JUNIOR, R.; BORGES, A. P. F.; BLANCH, G. T. Neurociência da música e ações da musicoterapia nos transtornos mentais: uma revisão sistemática. *Saúde E Pesquisa*, v. 15, n. 4, p. 1-9, 2022. DOI: <https://doi.org/10.17765/2176-9206.2022v15n4.e11161>.
- CHEN, X.; LI, D.; XU, H.; HU, Z. Effect of traditional opera on older adults with dementia. *Geriatric Nursing*, v. 41, n. 2, p. 118-123, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.gerinurse.2019.08.002>.
- DOWSON B.; SCHNEIDER J. Online singing groups for people with dementia: scoping review. *Public Health*, v. 194, p. 196-201, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.puhe.2021.03.002>.
- LOEWY, J.; TOROSSIAN, A.; APPELBAUM, M.; FLEMING, A.; TOMAINO, C. Lincoln center moments: integrating accessibility and enhancement through expanding performing arts experiences. *Arts & Health*, v. 12, n. 2, p. 182-193, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1080/17533015.2018.1555177>.
- MATZIORINIS, A. M.; KOELSCH, S. The Promise of music therapy for Alzheimer's disease: A review. *Annals of the New York Academy of Sciences*, v. 1516, n. 1, p. 11–17, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1111/nyas.14864>.
- NITHIANANDAM, V.; BUKHARI, H.; LEVENTHAL, M. J.; BATTAGLIA, R. A.; DONG, X.; FRAENKEL, E.; FEANY, M. B. Integrative analysis reveals a conserved role for the amyloid precursor protein in proteostasis during aging. *Nature Communications*, v. 14, n. 7034, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1038/s41467-023-42822-1>.
- RIBEIRO, M. E. de O.; FARIAS, R. F.; ARAÚJO, M. B. de; MEDEIROS, H. B. Produção Científica sobre o uso da Musicoterapia no tratamento do Alzheimer. In: SIMPÓSIO DE PESQUISA, INOVAÇÃO E EXTENSÃO DO IFPB (SIMPIF), 5., 2023, João Pessoa, PB. *Anais [...]*. João Pessoa: Instituto Federal da Paraíba, 2023. Disponível em: <https://eventos.ifpb.edu.br/index.php/v-simpif/v-simpif/paper/view/4272>. Acesso em: 23 dez. 2023.